



XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

O SERTÃO DA PALAVRA INFORMAÇÃO: o informe em língua de brincar

Vinícios Souza de Menezes

**Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação do Convênio entre o Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia e a
Universidade Federal do Rio de Janeiro**

THE BACKWOODS OF THE WORD INFORMATION: THE FORMLESS IN PLAY LANGUAGE

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Este texto tem como tema a questão da informação desde um ponto de vista múltiplo. Inicialmente, traçamos o plano por onde a informação é mirada e nos vê. O sertão rosiano é interpretado como o plano de imanência onde as versões conceituais da informação se cristalizam. Tão logo a terra se dá, miramos os territórios abordados e a problemática que se desenha no decorrer do texto pode ser dividida em três momentos: 1) a perspectiva filológica do informar e suas rasuras, 2) a abordagem filosófica implicada na negação desses riscos históricos no vocábulo e 3) os desdobramentos marginais que estes abandonos fertilizam para um revém informe via a matéria vertente de uma língua menor. Brincar com os abandonos linguísticos do informar é a tarefa deste texto, seu objetivo específico. Usar até o intenso grau de brinquedo para ser séria de rir é a pretensa performance do informar, o caminho a trilhar, a *quête* (busca/aventura) como *métodos* do texto. Intensivamente transvê-la em perspectivas alternativas é o dever, a conclusão que verte em sínteses inconclusivas, pois potencialmente perspectivas. A alquimia do verbo informar desde sua infância (*infans*, sem fala) é o traço fisionômico desta pesquisa ou a sua máscara. Construir uma ruína para a palavra informação é o incerto propósito do objetivo geral, pois sabe-se que a ruína é uma desconstrução. Para esta aventura (*quête*) da *différance* foram mobilizados construtores menores (*bricoleurs*), personagens conceituais dos mais diversos campos dos saberes, mirando com isso, através do exílio da linguagem comum dos estudos informacionais, desacostumar a palavra informar, diferenciá-la para menos, desformá-la na contingente soleira do mundo. Nonada, o signo ambíguo do humano joga pedrinhas temporais na unidade do sentido e da forma.

Palavras-Chave: Informação; Informe; Filosofia da Informação; Filosofia da Literatura.

Abstract: This text deals with the issue of information from a multiple point of view. Initially, we map out the plan where information is targeted and sees us. The Rosinian backwoods is interpreted as the plane of immanence where the conceptual versions of information crystallize. As soon as land is given,

we look at the territories covered, namely: 1) the philological perspective of informing and its erasures, 2) the philosophical approach implied in the denial of these historical risks in the word, and 3) the marginal developments that these abandonments fertilize for a formless on the subject matter of a minor language. To play with the linguistic abandonments of informing is the task of this text. To use even the intense degree of toy to be serious about laughing is the alleged performative of informing. Intensively transcending it into alternative perspectives is becoming. It is an alchemy of the verb to inform from its infancy (*infans*, without speech). Building a ruin for the word information is the uncertain purpose, for it is known that ruin is a deconstruction. For this adventure of *différance* were smaller constructors, conceptual characters from the most diverse fields of knowledge, aiming with this through the exile of the common language of informational studies unaccustomed to the word inform, differentiate it for less, deform it into the contingent threshold of the world. Nonada, the ambiguous sign of the human plays pebbles in the unity of sense and form.

Keywords: Information; Formless; Philosophy of Information; Philosophy of Literature.

1 O SERTÃO NÃO TEM FORMA: VEREDAS DE UM LUGAR NÃO ONDE

O sertão é sem lugar. (ROSA, 2006, p.310).

O sertão aceita todos os nomes: (ROSA, 2006, p.490).

O sertão é e não é [...] está em toda a parte. (COUTINHO, 2017, p.20).

Este texto tem na questão da palavra informação seu foco bibliográfico de ocupação. Como problemática, essa questão, através do diálogo com Rafael Capurro, se desenha em três tempos: i) as rasuras filológicas do informar (*chronos*), ii) a implicação filosófica dos riscos históricos no vocábulo (*kairós*) e iii) os desdobramentos marginais que estes abandonos revisitados fertilizam para uma reviravolta informe numa língua menor do informar (*aion*). A metodologia de abordagem é filosófico-literária, compartilhada no diálogo entre a cartografia de Deleuze-Guattari, a *quête* (busca) como *méthodos* em Agamben e Benjamin, a desconstrução textual de Derrida e os efeitos do dizer cassinianos. As expressões literárias de Guimarães Rosa e Manoel de Barros são o “lugar não onde” do acontecimento da questão da palavra informação neste texto. Como objetivo geral, visamos construir uma ruína para as rasuras do informar, um lugar de fala incerto, pois sabe-se que a ruína é uma desconstrução. Como objetivo específico, brincar com os abandonos linguísticos do informar é o uso que conjuga os métodos filosóficos anunciados com a expressão literária dos jogos de linguagem acionados. Habitar a palavra para intensivamente transvê-la em perspectivas alternativas é o devir deste texto que instiga nos estudos informacionais novas perspectivas informes e que verte na conclusão de sínteses inconclusivas, pois potencialmente abertas e metamorfos ao acontecimento de outras veredas.

Lugar não onde. Menor. O sertão de Guimarães Rosa é em devir, não apenas um estado de coisas, um território factual, ainda que também o seja, mas um traçado ambíguo, sem contornos, instável em sua contingência: informe. Antes de uma fisicalidade geográfica ou mesmo um conceito com pretensões filosóficas, o sertão é um plano de imanência (DELEUZE; GUATTARI, 1992), espessura sem tamanho e sem fecho, que corre em volta, a fora a dentro, do tamanho do mundo, ainda que seja também dentro da gente (ROSA, 2006). Esse jogo linguístico rosiano afeta desestabilizando a sintaxe, a semântica e a pragmática do sertão (COUTINHO, 2017, p.17); não lhe convém defini-lo, circunscrevê-lo ou atualizá-lo numa ação ou local “x” ou “y”, pois de partida este já seria um agir sobre o sertão, um pensamento acerca dele e não sob a virtualidade “não pensada” que este superpõe através das suas veredas, em uma ordem estratigráfica ou palimpséstica.

O plano de imanência é ao mesmo tempo o que deve ser pensado e o que não pode ser pensado. Ele seria o não-pensado no pensamento. É a base de todos os planos, imanente a cada plano pensável que não chega a pensá-lo. É o mais íntimo no pensamento, e todavia o fora absoluto. Um fora mais longínquo que todo mundo exterior, porque ele é um dentro mais profundo que todo mundo interior: é a imanência, ‘a intimidade como Fora, o exterior tornado intrusão que sufoca e a inversão de um e de outro’. A ida-e-volta incessante do plano, o movimento infinito. Talvez seja o gesto supremo da filosofia: não tanto pensar O plano de imanência, mas mostrar que ele está lá, não pensado em cada plano. O pensar desta maneira, como o fora e o dentro do pensamento, o fora não exterior ou o dentro não interior. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.73).

Dobradas umas nas outras, as veredas do sertão rosiano são múltiplos planos que não param de tecer¹ intensivamente “o lugar não onde” (ROSA, 2006, p.38), cada vereda, cada resto pequeno sem forma², “cada movimento percorre todo o plano, fazendo um retorno imediato sobre si mesmo, cada um se dobrando, mas também dobrando outros ou deixando-os dobrar, [...] infinidade infinitamente redobrada (curvatura variável do plano)” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.49). O sertão está em toda parte, não pensado em cada vereda, o “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo.” (ROSA, 2006, p.286). O sertão feito plano de imanência é “ilimitado, informe, nem superfície nem volume, mas sempre fractal” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.46), como um traço ou um rastro: “*não é nada*, não é um ente, excede a questão *o que*

¹ “É por isso que há sempre muitos movimentos infinitos presos uns nos outros, dobrados uns nos outros, na medida em que o retorno de um relança um outro instantaneamente, de tal maneira que o plano de imanência não para de se tecer, gigantesco tear.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.49).

² “O resto pequeno é vereda” (ROSA, 2006, p.59).

é e eventualmente a possibilita” (DERRIDA, 2013, p.92). O sertão é informe, não tem forma. Horizonte dos acontecimentos conceituais e dos personagens conceituais, o sertão a estes reporta e suporta, mas sem sê-los. Instauro-os. Na diferença dos seus traços, o plano de imanência é pré-filosófico, eventualmente se dobra, enlaça ou avizinha com personagens e conceitos filosóficos, todavia não se confundem, interpenetram-se ambigualmente: “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.” (ROSA, 2006, p.156).

Alguns filólogos assinalam que a palavra “sertão” parece ser fruto de uma contração etimológica da palavra “desertão”. Alinhando-se à interpretação intensiva aqui proposta, uma das metáforas usadas para o plano de imanência é o deserto; sendo assim, o sertão que lemos em Guimarães Rosa é “como um deserto movente que os conceitos vêm a povoar” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.51) e os personagens conceituais (possibilidades de vida ou modos de existência) “não podem inventar-se, senão sobre um plano de imanência” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.89). Dizia Rosa (2006, p.575): “Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme.” Os conceitos são criações cristalizadas de uma língua filosófica em devir, os personagens conceituais são invenções existenciais no interior de possibilidades de vidas pró-filosóficas, enquanto que imanente, superposto como suporte virtual e instaurador de ambos, o plano de imanência é pré-filosófico (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.93). Tomando Guimarães Rosa, assim como Manoel de Barros, conforme veremos, como “gênios híbridos” que “bifurcam e não param de bifurcar” em sínteses disjuntivas a arte e a filosofia (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.82), este mapa geofilosófico do divíduo Deleuze e Guattari encontra-se replicado na cartografia do sertão de Eduardo Coutinho (2017, p.20), em específico no texto: “Guimarães Rosa: um alquimista da palavra”. A trindade filosófica cartografada por Deleuze e Guattari (1992, p.93) – “traçar [plano], criar [conceito], inventar [personagem conceitual], esta é a trindade filosófica” – apresenta-se em Coutinho (2017, p.20) como geografia (plano), existência (*persona*) e linguagem (“cristais do pensamento”). Por meio dessa geofilosofia dupla, em sua multiplicidade intensiva de veredas que se bifurcam em planos a cada vez outros, pretendemos traçar os rastros sertanejos da informação.

Trata-se de uma “alquimia do verbo” informar. O sertão rosiano aceita todos os nomes e sobre ele, rastejando no chão da palavra, em “*una alchimie du verbe*”, buscamos “*la transmutación de la palabra*”, “*la transfiguración del verbo*” (AGAMBEN, 2016, p.99). Guimarães Rosa (1994, p. 50) argumentava que “o escritor deve ser um alquimista”. A linguagem, seu

metal, “sob montanhas de cinzas”, é o propósito que lhe conserva o sentido da vida³, o *trephein* aristotélico (2010, § 413a 20) – o nutrir-se, a potência que constitui a vida em sentido primordial. Todavia, esta conservação da vida pela via da linguagem, característica típica da virtualidade da potência (DELEUZE, 1996, p.55), ao contrário da versão canônica aristotélica, desprovida de *logos*, em Guimarães Rosa é “pura imanência”⁴, ou, como dizia Deleuze: “O que é a imanência? uma vida...” (2004, p.161). O *opus achymicum* rosiano tem como *motto* emblemático a seguinte passagem: “Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só” (ROSA, 1994, p.47), e, comentando seu imanente mote, diz: “devemos conservar o sentido da vida, devolver-lhe esse sentido, vivendo com a língua [...] somente renovando a língua que se pode renovar o mundo” (ROSA, 1994, p.52). Desse *motto* alquímico que nos guia pelos desvãos do sertão, também partilha Manoel de Barros (2010, p.465), quando diz: “o homem não se transfigura senão pelas palavras”.

Este plano de “movimentos infinitos”, que age virtualmente como “um corte ou um crivo do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.53), acontece em Guimarães Rosa quando escrevendo, descobre sempre um novo pedaço de infinito: “Vivo no infinito” (1994, p.37). Como plano de imanência, o sertão rosiano erige a “consistência sem nada perder do infinito” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53). Vivendo em seu exercício de “feiticeiro da palavra” – é preciso provir do sertão para poder ser feiticeiro da palavra (ROSA, 1994, p.49) – o sertanejo transforma o “caosmo” num sertão (ROSA, 1994, p.57), transmuta a palavra, transcria a língua, “no sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievski e Flaubert, porque o sertão é o terreno da eternidade, onde o interior e o exterior já não podem ser separados” (ROSA, 1994, p.50). Neste “lugar não onde”, o sertanejo altera o sentido do pensar. Brinca de pensar, num movimento infinito de tornar-se outra coisa. Simultaneamente, o pensamento e a coisa pensada transmutam-se em informe devir (COUTINHO, 2017, p.14), fazem rizoma, conectam-se no mapa da humanidade alongada do sertão, desenhada através de uma relação totalmente outra (“inimista”) entre a natureza e a cultura. No sertão estuda-se a “alquimia do sangue do coração humano” e para o

³ “Un ámbito en el que el trabajo sobre si y la producción de una obra se presentan, por excelencia, como consustanciales e indivisibles, es la alquimia. El *opus alchymicum* implica, de hecho, que la transformación de los metales llegue de la mano con la transformación del sujeto, que la búsqueda y la producción de la piedra filosofal coincidan con la creación o la recreación espiritual del sujeto que las acomete.” (AGAMBEN, 2016, p.96).

⁴ “Deixar que um ser alcance o estado a que tende, deixar-se ser: se é este o significado original de *trepheo*, então a potência que constitui a vida em sentido primordial (o nutrir a si) coincide com o desejo de conservar o próprio ser que define a potência da vida como imanência absoluta em Espinosa e em Deleuze.” (AGAMBEN, 2013, p.349).

sertanejo⁵, um “desertor” que caminha com “um sertão dentro de si” (ROSA, 1994, p. 49), o “pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.53). O diagrama do sertão rosiano instaura “a palavra pensada, pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo” (ROSA, 2006, p.170). Revitalizando a linguagem por dentro, Guimarães Rosa desautomatiza “palavras que haviam perdido sua energia primitiva e adquirido sentidos fixos”, como, por exemplo, a própria palavra “sertão”, mas também, “expressões que se haviam tornado vagas e enfraquecidas, encobertas com significações que escondiam seu viço” (COUTINHO, 2017, p.13). Rosa era um construtor menor de ruínas. A busca rosiana está em reestruturar a linguagem por meio de suas potencialidades inerentes, através da cifra da ambiguidade, da homonímia, do equívoco controlado que amplia o sentido a partir das multiplicidades híbridas que atravessam a língua. Para tal aventura mobiliza a minoria qualitativa, a língua daqueles que “estão **em** sua própria língua como estrangeiros” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.40-41), a língua menor dos “tipos marginalizados” que povoam o sertão, os marginais da língua maior: loucos, cegos, doentes, criminosos, feiticeiros, mulheres, artistas populares, índios, animais, plantas, crianças, velhos... Ao erigir o sertão “em que a fala dos desfavorecidos se faz também ouvir, Rosa efetua verdadeira desconstrução do discurso hegemônico da lógica ocidental, e se lança na busca de terceiras possibilidades” (COUTINHO, 2017, p.23).

Por meio desses traços rosianos (*in media res*), desenhamos um virtual sertão da informação. Enveredada em três possibilidades, a palavra informar em sua aventura linguística se dá de antemão ao menos de dois modos, enquanto 1) algo que informa, isto é, dar a forma a algo, e 2) como algo sem forma, informe, que priva a forma de algo. O primeiro modo é o “positivo” para a versão interpretativa canônica que vincula a informação ao sentido, conforme mostrado por Maria Nélida González de Gómez (2012), Miguel Rendón Rojas (2005), Rafael Capurro (1996; 2008). Dar a forma a algo é atribuir-lhe um sentido (*informo*). Este sentido tem duas faces, a amiga e a amiga-rival, a informação e a desinformação, ou, em termos aristotélicos, o sentido e o não-sentido. O segundo modo é o “negativo”, rasurado e abandonado à deriva entre as camadas interpretativas. Privar a forma de algo é rumar para fora do sentido (*informis*), não ter existência discursiva (*aneu logon/alogon pragma*). Na versão aristotélica, ser informe é possuir um “*logos de planta*” – “Curiosas plantas, no entanto, visto que, como bichos, elas fazem

⁵ “[...] eu lhe digo: Goethe nasceu no sertão, assim como Dostoiévski, Tolstoi, Flaubert, Balzac; [...] um homem que vivia com a língua e pensava no infinito. [...] Era um sertanejo.” (ROSA, 1994, p.49).

barulho com suas bocas. *Homoios phutôi*, você é semelhante a uma planta se você fala sem significar” (CASSIN, 2017, p.120). Nesta desclassificada classe estão os marginais, os sem discurso: mulheres, crianças, estrangeiros, monstros, escravos, animais, sofistas...

A terceira possibilidade ou a terceira margem buscada por Rosa e proposta aqui em uma alquimia menor, enquanto um brinquedo em língua de brincar, seria 3) o *iumforme*, aquilo que rindo no patoá dos seus jogos linguísticos afasta-se da forma fazendo desta brinquedo. Afastamento é a terceira possibilidade para o prefixo latino *in-* (*in-* como *ab-*), como nas definições de dicionário para o verbete sertão: “região agreste e afastada”. O *iumforme* é um desdobramento intensivo da dobra negativa, como a primeira palavra do *Grande Sertão: Veredas*: nonada (*non* + nada). O *iumforme* é o fora do sentido (*informis*) desdobrando-se para dentro do sentido/não-sentido (*informo*). Ganhando fala. Ocupando enquanto uma radical diferença o território do “um-sentido”, o *iumforme* é a cifra da língua que entra em ação no discurso, da “natureza” transformando-se em “história”: “utilizo cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer” (ROSA, 1994, p.46). O *iumforme* é um rastro escritural sertanejo. Na encruzilhada híbrida das línguas que habitam a língua do sertão, *iumforme* é a vereda oral do sertanejo balbuciando “informe”, a semiofagia que desdobra a forma em perspectivas ou, ainda, a versão democritiana da língua do sertão. O *iumforme* é a gagueira do informar, a língua menor que designa na virtualidade da “figura do outro”, na alteridade estrangeira ao si consciencioso, a fala selvagem, bárbara (*balbus*)⁶ do informe (*infans*)⁷ adentrando o *logeion* com sua fala natural e histórica, outrora impossibilitada de falar (*aneu logon*), todavia, agora, *iumformando* em um alarido das vidas marginais, a imanência do sertão. O sertão da palavra informação é rosiano pois Rosa é “um pensador que faz gaguejar toda a linguagem, e que faz da gagueira o traço do próprio pensamento enquanto linguagem” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.84). Em língua menor de brincar, o sertão da palavra informação é utópico⁸ (*outopos*, “lugar

⁶ “Alguém já apontou para a possibilidade de *balbus* ser a raiz etimológica de bárbaro [...] *balbus*, em latim, é gago e a lógica da relação dominados/dominantes no que se refere à questão linguística é exatamente esta: o outro é inferior porque não sabe falar, gagueja sons inarticulados, sem sentido claro.” (BITTENCOURT; LOPES, 2008, p.97).

⁷ Nas línguas mais antigas do indo-europeu, as palavras que servem para designar a alteridade ou os povos estrangeiros provêm dos verbos que significam “gaguejar” ou “balbuciar”, que por sua vez remetem às palavras que significam “mudo”, ou, sem-voz (*in-fans*) (DERRIDA, 2013, p.152).

⁸ “Talvez o *tópos*, essa coisa, segundo Aristóteles, ‘tão difícil de apreender’, mas cujo poder ‘é maravilhoso e anterior a qualquer outro’, e que Platão, no *Timeu*, concebe até mesmo como um ‘terceiro gênero’ do ser, não é necessariamente algo ‘real’ e, neste sentido, aqui se procurou levar a sério a pergunta que o filósofo formula no livro IV da *Física*: ‘που γὰρ ἐστὶ τραγελαφὸς ἡ σφίγξ’ – ‘onde está o capricervo, onde está a esfinge?’ Em nenhum lugar, certamente, mas, talvez, porque eles mesmos sejam *topoi*. Ainda devemos habituar-nos a

não onde”) pois desterritorializa na “pura diferença” das “utopias libertárias, revolucionárias, imanentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.120) a “palavra acostumada”, transmuta a natureza da *physis* através da “dinâmica prodigiosa do lugar”, da topologia filosófica do sertão: “eu vi a manhã pousada em cima de uma pedra! Isso não muda a feição da natureza?” (BARROS, 2010, p.459).

2 INFORME: A IMANÊNCIA DA MATÉRIA VERTENTE

Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. **E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente** (ROSA, 2006, p.116, grifo nosso).

Na filologia da palavra informação (*informatio*), o informe é a face rasurada, fora do sentido. Tornado menor, o informe foi extenuado do sentido da palavra informação. Por filologia entende-se a arte revolucionária, “*la gran filología*” da crítica imanente traçada por Walter Benjamin (2005, §N11, 6, p.479) e sistematizada por Giorgio Agamben (2005, p.146) na seguinte passagem: “a filologia é a donzela que, sem precauções dialéticas, beija na boca o sapo da práxis”. Fitar a infância da palavra informação, a sua mudez (*infans*) alheia ao sentido, é um exercício crítico-filológico, carregado de facticidade e historicidade. O informe é um risco filológico-cultural na história da palavra informação – “por esta palavra – ‘riscar’ – deixaremos em sua ambiguidade os valores de apagamento e de rasura, de extenuação e de repressão” (DERRIDA, 2013, p.276). Este risco tem suas marcas inaugurais no discurso platônico, contudo, é na teoria da linguagem aristotélica que ele ganha relevo em negativo, ou seja, é raspado da superfície ambígua que resistia na escritura platônica.

Seguindo a mirada canônico-aristotélica da “decisão do sentido”⁹, por informação entende-se o princípio formal e afirmativo de atualização do sentido; “dar a forma a algo” é

pensar o ‘lugar’ não como algo espacial, mas como algo mais originário que o espaço; talvez, de acordo com a sugestão de Platão, como pura diferença, a que corresponde o poder de fazer com que ‘algo que não é, de certa maneira seja, e aquilo que é, por sua vez, de algum modo não seja’. Só uma topologia filosófica [...] seria adequada ao *tópos outopos* [*lugar não-lugar*] cujo ‘nó borromeu’ aqui se procurou configurar. Assim, a exploração topológica está constantemente orientada sob a luz da utopia” (AGAMBEN, 2007, p.15, grifo nosso).

⁹ “Pode-se, no entanto, demonstrar por refutação [...] que há impossibilidade ‘de que o mesmo pertença e não pertença ao mesmo segundo o mesmo’ desde que o adversário simplesmente diga algo; e se ele não diz nada, é ridículo procurar o que dizer em resposta àquele que não sustenta discurso sobre nada, na medida em que, em função disso, *ele não sustenta nenhum discurso*; pois um tal homem enquanto tal é de saída semelhante a uma planta [...] O ponto de partida em todos os casos desse gênero não é pedir que se diga que algo é ou não é (pois rapidamente se afirmaria que está aí a petição de princípio), mas que ao menos signifiquemos algo, tanto para si quanto para um outro, pois isso é necessário, a partir do momento que se diz algo. Pois para o que não significa,

determinar uma unidade de sentido para algo, não necessariamente um ente, todavia, um significado. Que uma palavra tenha mais de um significado, não é um problema para Aristóteles (2002, §1006b 1-15, p.147-149), desde que o significado seja limitado e que para cada um desses significados exista uma palavra em específico, pois a palavra “exprime um e só um significado determinado”. Para Aristóteles e a tradição do pensamento ocidental, em geral, não é possível, aliás, é impossível uma palavra como informação significar simultaneamente *informo* (dar a forma a algo) e *informis* (privar a forma de algo). Aristóteles procede por sinonímia e analogia, preservando na base da sua filosofia, o princípio de identidade da não-contradição – “o mais firme de todos os princípios sem exceção” (ARISTÓTELES, 2002, § 1005b 5-30, p.143-145). Dizer que uma mesma palavra possui mais de um significado (homonímia) é privar esta palavra de um sentido, minorá-la em “*logos* de planta”, silenciá-la (*infans*), todavia, à guisa de resistência: “com as palavras se podem multiplicar os silêncios” (BARROS, 2010, p.477). A multiplicação dos significados emudecidos dissipa a unidade do sentido e torna sem discurso (*aneu logon*) os portadores da palavra informe, pois, ao não significarem uma única coisa, ao “romper o rumo da palavra”, estes passam a “não significar nada absolutamente”. Por sua vez, nada (nonada) é a cifra significativa dessas vidas marginais ao sentido, dos inumanos que perturbavam o sentido da palavra e chacoalhavam o significante em performances dionisíacas. Os seres informes “dementavam as palavras” (BARROS, 2010, p.444), ampliavam os limites do mundo através de uma imanente performance da linguagem, um “falar por falar” (*logou kharin legousin*) que pelo “prazer de falar e jogar com a linguagem” (CASSIN, 2017, p.64), fabricavam brinquedos linguísticos, falavam “em pura perda”, “jogavam conversa fora” e assim historiavam a língua desterritorizando-a, ao modo de “um construtor menor” (BARROS, 2010, p.482).

A palavra informação, em seu étimo, advém do latim *informatio*, expressando tanto o *informo* – dar a forma – quanto o *informis* – privação da forma. A palavra informação assinala para uma dupla direção: a privação da forma, que significa palavras passivo-receptivas como *informis(e)*, *informitas*, *informiter*, *informabilis*, e a doação da forma, que significa palavras ativo-emissivas como *informo*, *informas*, *informare*, *informavi*, *informatum*, *informatore*. Os dois caminhos indicados pela palavra encontram-se circunscritos no prefixo latino *in-*. O *in-* é uma

não haveria discurso, nem se dirigindo a si mesmo nem dirigido a um outro. [...] Se [...] afirmássemos significar uma infinidade de coisas, é claro que *não haveria*; pois não significar uma única coisa é não significar nada absolutamente, e se as palavras não significam, destrói-se a possibilidade de dialogar uns com os outros, e na verdade consigo mesmo: pois não se pode pensar em nada sem pensar em algo único, e se o pudermos, colocaremos então uma palavra única sobre essa coisa” (ARISTÓTELES, 2002, IV, §1006a-1006b, p.145-147).

das apropriações do latim para ao menos dois prefixos gregos, *en-* e *a-*. Enquanto *en-*, informação como enformação (GONZÁLEZ, 2011), demarca a versão canônica do “dar a forma” ou “a fôrma”, transfigurar a matéria na forma. Por outro lado, o prefixo *a-* (alfa privativo) assinala para um movimento ambivalente, tanto de identidade (da matéria tomando forma), quanto de diferença (da “matéria informe” – matéria materializando-se a si mesma (“outra outra”), como na interpretação plotiniana da “terceira matéria” rasurada ou da averroísta do intelecto possível/material aristotélico).

O prefixo privativo grego α - marca a experiência intensiva do prefixo latino *in-*, visto que os prefixos latinos *in-*, *des-*, *de-* correspondem aos prefixos gregos *a-* e *an-*. Desse modo, a relação privativa que dispõe a palavra *in-formatio* no latim é similar ao movimento da palavra grega *a-letheia*. O alfa privativo relaciona-se com o âmbito da sua negação: uma recusa, renúncia, um suspender-se da forma, enfim, um velar-se que é a um só tempo uma relação com a sua privação. Nota-se que *aletheia* é um exemplo simbólico desta relação, onde o alfa privativo intensivamente desdobra-se sobre uma privação, a *lethe*, o esquecimento. O alfa assim como o *in-* possuem a ambiguidade imanente da doação e da privação¹⁰ (BENVENISTE, 1997), pois o prefixo grego não é apenas privativo, mas também copulativo. Dirá Carneiro Leão (2010, p.216) a respeito dessas margens copulativas e privativas do alfa: “A experiência é, então, reduplicada, intensificada pela dificuldade que ela provoca, pelas tensões que ela faz aparecer. [...] O alfa copulativo realiza uma união, uma intensificação do verbo por acréscimo”. Intensificar o verbo é, em língua menor, dobrá-lo (DERRIDA, 2013), rizomatizá-lo (DELEUZE; GUATTARI, 1995), infantilizá-lo (AGAMBEN, 2005), transmutá-lo em nascimentos (ROSA, 1994), fazê-lo delirar (BARROS, 2010). O informe assinala para esta virtualidade do verbo informar, a sua imanência.

Rafael Capurro anuncia essa duplicidade significativa da palavra *informatio*, todavia opta pelo uso acostumado (*informo*). Não prosseguindo pela ambivalência da palavra *informatio*, Capurro lega o *informis* à marginália informacional: “*El prefijo in tiene, en este caso, el sentido de acentuar la acción pudiendo significar también negación como en el caso de informis, es decir ‘sin forma’.*” (CAPURRO, 2008, p.6). A opção pela não escuta da mensagem *informis* fica clara no artigo em colaboração com Hjørland, quando juntos dizem: “o prefixo *in* pode ter o significado de negação como em *informis* ou *informitas*, **mas, em nosso caso, ele fortalece o**

¹⁰ “A dificuldade está na linguagem. [...] Fica aberta a questão se a essência das línguas ocidentais é em si puramente metafísica e, por conseguinte, em definitivo caracterizada pela onto-teo-lógica, ou **se estas línguas garantem outras possibilidades de dizer e isto significa ao mesmo tempo possibilidades do não-dizer que diz.**” (HEIDEGGER, 1973, p.400, grifo nosso).

ato de dar a forma a alguma coisa” (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p.156, grifo nosso). Capurro e Hjørland privilegiam o aspecto “atual” da informação, o princípio formal e afirmativo de atualização da forma em um existir, obliterando a faceta virtual do “sem forma”, princípio material e negativo de potencialização, fora do sentido, pois, em potência. A seleção pelo “ato de dar a forma a alguma coisa” como a ação decisiva do informar faz da Ciência da Informação uma disciplina “hermenêutico-retórica” (CAPURRO, 1992) e da informação uma dimensão existencial circunscrita na retórica aristotélica, onde para ter sentido “deve antes de mais nada ser um *on*, isto é, existir” (CASSIN, 1993, p.32). Existindo, a dimensão informacional caracteriza-se no entrelaçar da informação e da desinformação, ou, na fórmula aristotélica, entre o sentido e o não-sentido. A forma que se dá em seu aspecto significativo é o laço que por ora “prende” a informação à verdade e outrora a distende, distanciando-a da verdade (*aletheia*).

“Fala, se és homem” (CASSIN, 1993, p.32), se és um gerador de formas, caso não seja dotado de existência discursiva e só lhe “reste” corpo e matéria, como mulheres, estrangeiros, e escravos, ou, num exemplo técnico, um “capricervo”, és um fora do sentido: “[em Aristóteles] o macho fornece a forma e o princípio do movimento, a fêmea, o corpo e a matéria” (LOPES, 2010, p.90). O sertanejo rosiano caracterizado por Antônio Cândido (2006, p.111) como “o homem dos avessos” é um fora do sentido, um homem menor inscrito em um signo ambíguo e bárbaro: Diadorim. A vida do “homem dos avessos” é informe, errante, como a vida dos poetas, imitadores e sofistas (DERRIDA, 1996, p.40-42). Uma vida em que tudo se marca, mas que seria em si mesmo não-marcada, não determinada por um campo transcendental inteligível ou sensível. Fora da lógica da binaridade, a vida informe (*amorphon*) é a terceira margem (*triton genos*) entre os planos de determinação da metafísica: “o campo transcendental se define por um plano de imanência, e o plano de imanência por uma vida” (DELEUZE, 2004, p.161). A imanência é uma vida informe (DELEUZE, 2004), uma matéria vertente que “flui, leva logo consigo, por assim dizer, os dois pontos [a relação]; este jorro não nasce, no entanto, de si, mas derrama-se de maneira incessante e vertiginosamente em si mesmo” (AGAMBEN, 2013, p.335). Orígenes falando sobre a representação da “vida informe” dizia: “os animais privados de palavra são representados a conversar entre si” (*apud* AGAMBEN, 2005, p.171). Longe da publicidade do “lugar onde” do discurso (*logeion*), as vidas marginais balbuciam um “discurso filosófico impuro, ameaçado, bastardo, híbrido” (DERRIDA, 1996, p.70) e “tomam para si todos os perigos que esta [filosofia] deve enfrentar, todas as condenações, perseguições e denegações que ela sofre.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.57). O informe, de acordo com Derrida (1996, p.17),

“destinado ao inapagável”, resiste e simboliza no interior da língua maior da “Sociedade da Informação”, uma “língua menor”, em devir com as “utopias libertárias, revolucionárias, imanentes” da história menor da informação.

Nas ruínas dos abandonos linguísticos, na tapera do informar, a cifra do informe é como a privação que aponta para um “já não... a cada vez”, para o “é” que a cada vez “é outro”: “*ouk on* é ‘aquilo que ocorre não ser’” (CASSIN, 2017, p.165). O informe “é o que não é que está em vias de brotar” (CASSIN, 2005, p.17), contudo, não é da ordem do *eidos* (forma, sentido), nem do *eidolon* (formato, coisa significativa) – que nele vem se imprimir. Seu verter é imanente, não se põe em relação com o transcendente, aliás, “a transcendência é sempre um produto da imanência” (DELEUZE, 2004, p.163). Em tal cenário que há informe, mas este não existe (DERRIDA, 1996, p.22-23), não tem forma, falta-lhe “algo”, este, o informe, apresenta-se como a multiplicidade na lógica binária, a condição virtual, o múltiplo do dois. O informe é “portanto a formação da forma”, “o ser impresso da impressão” (DERRIDA, 2013, p.77).

Essa singular impropriedade, que “justamente não é nada”, eis o que o informe “deve, se assim o podemos dizer, conservar, eis o que é preciso lhe preservar” (DERRIDA, 1996, p.23). O vazio aberto entre o sensível e o inteligível, que por ora não é da ordem do ser nem do ente, mas o “lugar não onde” entre os dois (DERRIDA, 1996, p.32), este vazio é a vida informe – “um vago variado” (ROSA, 2006, p.441). “Pobre de mundo e logos ontológico”, o sertanejo desertor do sentido e da forma entoa o seu discurso decaído no lamaçal do sapo da práxis; discurso sem pai legítimo, órfão e bastardo (*logismô nothô*), conforme Platão (1992, §52b, p.204), o informe é como uma *mise en abyme* de emboladas que resiste feito equilibrista nos cordéis (re)dobrados e entramados (*synnyphanthènai*) nas balbúrdias das feiras: “no lodo, apura o estilo, o sapo” (BARROS, 2010, p.222) e, complementando as ações filológicas do “sapo da práxis” no sertão da palavra, diz Manoel de Barros (2010, p.323): “permanências nos relentos faziam-se alcançar os deslimites do Ser. Meu verbo adquiriu espessura de gosma. Fui adotado em lodo.”

3 IUMFORME: COISA-NADA EM LÍNGUA DE BRINCAR

Sentia mais prazer de brincar com as palavras do que de pensar com elas. [...] Aprendera no Circo, há idos, que a palavra tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria de rir. [...] Isso é Língua de brincar / É coisa-nada. / O menino sentenciou: Se o Nada desaparecer a poesia acaba. (BARROS, 2010, p.485-486).

Nos arrabaldes da cidade, o sertanejo traça seus planos, cria seus conceitos, inventa seus personagens: fala a seu bel-prazer. Através da sua “desapropriada maneira” discursa a singular impropriedade da sua condição. O informe ao falar sobre si mesmo diz *iumforme*, o rumor da palavra: “Respeito as oralidades. Eu escrevo o rumor das palavras. Não sou sandeu de gramáticas. Só sei o nada aumentado” (BARROS, 2010, p.309). Em seu leprosário intralinguístico, como chamava Saussure o repertório das “deformações fônicas” (DERRIDA, 2013, p.51), a vida informe deforma a fala e a escrita do sentido, brinca e joga com a multiplicidade da linguagem, transmuta a escritura ao adicionar-lhe *différance*: “a escritura é o jogo na linguagem [...] como jogo – *paidia* – opõe esta criancice à séria e adulta gravidade da fala.” (DERRIDA, 2013, p.61). O jogo que o *iumforme* instaura é “a ausência do significado transcendental como ilimitação do jogo” (DERRIDA, 2013, p.61). O *iumforme* é esta imanência em língua de brincar: “as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio” (BENJAMIN, 2009, p.85). Inspirada no Oswald de Andrade do Manifesto da Poesia Pau Brasil (2011, p. 61), o *iumforme* é “a contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”. Seu alfabeto é gonzaguiano, um “ABC do Sertão”¹¹. Para o sertanejo, “o som e o sentido da palavra pertencem um ao outro. Vão juntos” (ROSA, 1994, p.53).

Ser informe no mundo imaculado das “formas” é ser maculado pelo i-mundo traço da alteridade, das multiplicidades e das antropofagias filosóficas: “A filosofia é a teoria das multiplicidades” (DELEUZE, 1996, p.49). Neste leprosário intralinguístico afeiçoado à matéria (*hyle*) e aos subúrbios dos símbolos socializados pelas línguas menores, concordamos com Derrida (2013, p.51) ao dizer que a ação que se desdobra do informe (fora do sentido) se dá como deformação do sentido, seja ela escritural ou fônica. O *iumforme* é um conceito sertanejo na estância de uma ciência informacional teratológica ou gramatológica, como nomeou Derrida. O informe, a rasura do signo informacional, é apresentado em Aristóteles (2010, §430a, p.116) como *grammateïon* ou na tradução do medievo greco-latino *rasum tabulae*: a tabuinha de escrever onde nada está escrito pelo sentido. O informe é a “pura possibilidade”. Já o *iumforme* como um desdobramento da ruína filológica (informe) é uma cifra de leitura virtual, a letra (*gramma*) que está na base da história menor da informação, como dizia Walter Benjamin

¹¹ ABC do Sertão, música de Luís Gonzaga e Zé Dantas (2002 [1953], grifo nosso): “**Lá no meu sertão pros caboclo lê / Têm que aprender um outro ABC** / O jota é ji, o éle é lê / O esse é si, mas o érre / Tem nome de rê / Até o ypsilon lá é pissilone / O eme é mê, i o ene é nê / O efe é fê, o gê chama-se guê / **Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê** / A, bê, cê, dê Fê, guê, lê, mê / Nê, pê, quê, rê / Tê, vê e zê / **Atenção que eu vou ensinar o ABC** / A, bê, cê, dê, e Fê, guê, agâ, i, ji / ka, lê, mê, nê, o / pê, quê, rê, ci / Tê, u, vê, xis, pissilone e zê.”

acerca do seu método de leitura: “O método histórico é um método filológico, no qual o livro da vida está na base. ‘Ler o que nunca foi escrito’ é afirmado em Hoffmannsthal” (*apud* SELIGMANN-SILVA, 2005, p.195-196). Ler o que nunca foi escrito é ler o livro da vida informe, as rasuras gramaticais das línguas menores sob a tábula do palimpsesto vital. O *iumforme* é **escritura**, lei-**tura** desdobrada em **escr**i-ta. Coisa-nada em língua de brincar, o *iumforme* tem como tarefa “escrever o que não acontece” no sentido (BARROS, 2010, p.462), o seu múltiplo.

O prefixo *ium-* não existe na ortografia normativa de língua alguma, somente em devires na língua do sertão. *Iumforme* é o abandono linguístico do lugar criando “deformações fônico-escriturais” na língua do sentido. *Iumforme* pode ser uma semiofagia indígena, uma aglutinação ou devoração da forma (*forme*) pela partícula *ium* que compõe inúmeras palavras da língua Nheengatu, significando justamente uma ausência de forma, ou seja, uma perspectiva, como, por exemplo: *iumu* (flechar), *iumaã* (olhar-se, olharem-se de modo recíproco), *iumeẽ* (entregar-se, dar-se a outrem), *iumana* (abraçar), *iumbué* (aprender com outrem), *iumími* (esconder-se do olhar de outrem), *iumusé* (gostar de). Tal gama de significados encontra-se no informe, naquilo que Platão chama de *pandekhês* e Derrida (1996, p. 44) denomina como “hospitalidade dos discursos”. Todavia, *iumforme* é também como minha filha de 3 anos falou a palavra informe: “as coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças” (BARROS, 2010, p.300). Ao ouvir um diálogo entre nós, quando falávamos sobre o informe, ela disse: - “*iumforme*? É difícil falar...” Nessas poucas palavras de criança contém o resumo, a condição de ser informe é historicamente a de ter dificuldades em falar (*aneu logon*), entretanto, ao falar adentra como um furo na norma (CASSIN, 2017, p.165). O fora do sentido *efratura*¹² o sentido, abre um espaçamento na órbita do sentido/não-sentido e faz gaguejar a língua de modo menor, ou, “de menor” virtualiza-a em seus usos, faz dela brinquedo. O *iumforme* é um “criançamento da palavra” informe (BARROS, 2010, p.339), como em Platão (1992, §19a) quando diz que o informe é o lugar da criança, do infante. Entretanto, à diferença de Platão, olhamos de um viés positivo: o *iumforme* é o informe em voz de criança, um cristal dos abandonos informacionais: “o que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora” (BARROS, 2010, p.327).

¹² *Efratura*, ou o mesmo que “efração” e “efracção”, é a palavra usada por Derrida (2013, p.42) para indicar o “arrobamento”, a irrupção do fora sem forma no dentro formal, o artificioso habitar da vida informe no pretenso lugar do Ser.

O *iumforme* é um brinquedo escritural. Brincar com a palavra informação, ou, fazer desta brinquedo significa “transformar antigos significados em significantes e vice-versa”, tal como uma bricolagem ou um mosaico de coisas-nada por meio do qual “faz-se história dos detritos da História” (BENJAMIN, 2009, p.138). O brinquedo serve-se “de ‘fragmentos’ e de peças pertencentes a outros conjuntos estruturais (ou, em todo caso, de conjuntos estruturais modificados)” (AGAMBEN, 2005, p.87). Alterar os conjuntos estruturais da palavra informação, este é justamente a essência do brinquedo (*iumforme*), ser uma materialização da historicidade do informar, que desmembrando e distorcendo o passado ou miniaturizando o presente torna tangível a temporalidade da vida informe (AGAMBEN, 2005, p.86-87), entre parênteses na história da palavra, mas protegida nos parênteses do seu abandono: “(o abandono me protege)” (BARROS, 2010, p.342).

A terceira possibilidade de construção do *iumforme* surge enquanto uma “classificação filosófica do brinquedo” (BENJAMIN, 2009, p.93). Além de uma possível semiofagia indígena e de um rastro infantil, o *iumforme* pode ser uma virtualização de uma palavra fabricada pelo filósofo que ri: o *den* de Demócrito (CASSIN, 2017, p.177). Passageiro clandestino na história da ontologia, o *den* democritiano é o “nada mesmo” de Manoel de Barros. Menor do que o nada existencial (*mêd’hen*) e do que o nada metafísico (*oud’hen*), o *den* é o brinquedo fabricado por Demócrito para rir do sentido único, do “um” do sentido. Barbara Cassin (2017) traduz o *opus alchymicum* democritiano, originalmente em grego, para o latim como “*ium*”, isto é, “i-um”, a privação radical do “um”, o nada mesmo: “*Den, ium*, é o nome do átomo na medida em que não se pode mais nem confundi-lo com o ser da ontologia nem tomá-lo por um corpo elementar da física. É simplesmente um jogo de palavras, meio engraçado” (CASSIN, 2017, p.182).

Esta é a terceira possibilidade para o devir *iumforme*, mas também a terceira margem do prefixo latino “*in-*”. Nem dar a forma (*informo*), nem privar a forma (*informis*), mas afastar-se dela (*iumforme*) liberando-a em usos menores: uma travessia rosiana – “Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2006, p.244). O *ium-* é o afastamento provocado pela alteridade material do fora do sentido no sentido/não-sentido da forma. Enquanto brinquedo, o *iumforme* liberta-se da forma através das suas brincadeiras, pois “brincar significa sempre libertação” (BENJAMIN, 2009, p. 85). O *iumforme* seria então a matéria democritiana liberada da univocidade do sentido (CASSIN, 2017, p.178), a “alteridade radical” (DERRIDA, 2001, p.72). O *ium-* consta anacronicamente na virtualidade dos materiais heterogêneos que compõem a palavra informação, nos seus usos, a sua materialidade. Como dito por Benjamin (2009, p.92),

“nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos”. Nesta perspectiva, o *iumforme* é “uma máscara imaginária” que destitui identidades imobilizadas pela não-contradição. Feito uma criança, mira a forma com o “binóculo ao contrário”, seu lar é larval, um “arsenal de máscaras” (BENJAMIN, 2009, p.108); ao vestir-se com “algo branco e ondulado converte-se em fantasma”, “ao puxar alguma coisa torna-se cavalo” (BENJAMIN, 2009, p.93), ao brincar com algo liberta-se de si, interessa-se (*inter-esse*, ser entre), torna-se índio: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.” (ANDRADE, 2011, p.67). O *iumforme* é uma máscara pois é “uma questão de devir”, não é nada, coisa-nada de brincar, de tornar-se. A vida informe é antropófaga e o *iumforme* é também índio, uma vida...: “torna-se índio, não para de se tornar, talvez ‘para que’ o índio, que é índio, se torne ele mesmo outra coisa” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.132).

Por sua vez, o “*ium*” da interpretação cassiniana provoca um movimento de afetação no signo negativo (privativo), fazendo com que ele mesmo desdobre-se em outros movimentos, em signos positivos ou ambíguos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.65). Deste modo, o *iumforme* não partilha da negatividade da ontologia ocidental, transmuta-a no transfigurar da palavra. Desver o mundo por meio dos seus abandonos é a tarefa libertária, imanente e revolucionária do brinquedo *iumforme*, o segredo enterrado no “lugar não onde” as crianças brincam: “onde as crianças brincam existe um segredo enterrado” (BENJAMIN, 2009, p.149).

Coisa-nada de brincar é a justa tradução para a vida informe, *alogon pragma*, coisa sem discurso, “nada absolutamente”, diria Aristóteles. O “coisário de nadeiras”, como balbuciava Manoel de Barros (2010, p.323), é o “lugar não onde” dos traços e rastros daquele que na história da metafísica ocidental, frente ao insucesso, o descaimento e a dejeção, em seu lugar “apagado de suporte”, submisso e subordinado aos planos da forma, sabe que “perder o nada é um empobrecimento” (BARROS, 2010, p.343), um curvar-se à história única e ao sentido pleno, perder o condão de rir. Desta pobreza o sertanejo não sofrerá. O *iumforme* é o seu brinquedo “desforma-mundo”; entre um chiste e uma brincadeira, o sem sentido, doravante incorporado, transmuta-se em um sentido outro, “estrangeiro se torna autóctone no outro que não o é” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.132) e fala sério de rir feito criança: “eu fiz o nada aparecer”, como Manoel de Barros (2010, p.343).

4 NO NADA, TUTAMEIA DESFORMA MUNDO

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano): / **A expressão reta não sonha. / [...] O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. / É preciso transver o mundo. / Isto seja: Deus deu a forma. Os artistas desformam. / É preciso desformar o mundo: / Tirar da natureza as naturalidades. / Fazer cavalo verde, por exemplo. / [...] Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.** (BARROS, 2010, p. 349-350, grifo nosso).

“Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono”, assim Manoel de Barros (2010, p. 459) deslimita a sua poética filosófica e faz da língua um exílio na matéria do seu habitar, um sertão pantaneiro que rompe o rumo da palavra, como em Guimarães Rosa. Sustentar com palavras o silêncio do abandono tem como exemplo, para nós, o informe. Dicionarizado como “inimigo do conceito”, do dar a forma a algo, o informe, em seu verbete, é escrito como o hediondo, tosco, bruto, grosseiro, rude, inestético, monstruoso, desgracioso, feio, pesado. Os adjetivos não cessam de vilipendiá-lo, aos olhos da forma. O informe é uma diferença sempre para menos – “o menor intervalo é sempre diabólico: o senhor das metamorfoses se opõe ao rei hierático invariante” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 56). Assim se coloca o problema da pesquisa, estrangeiro na língua maior da informação, o informe desterritorializa a língua, faz do galho das classificações um sabre luz, da informação uma travessura, *iumforma* o “lugar não onde” ao intensificar no seu devir as multiplicidades da “política dos lugares”¹³ e dobra em seus agenciamentos os coletivos de enunciação, faz-se *iumforme* – instiga novas perspectivas informacionais.

Por fim, este texto tem como tarefa apresentar o devir da palavra informação, o seu sertão. Por isto foi assim nomeado: o sertão da palavra informação. O lugar da palavra informação é o informe, chamado por Platão (1992), numa homonímia significativa, *khôra* – lugar, receptáculo, território, mas também mãe, ama, criança. Todavia, é um lugar utópico, um referente sem referência, apagado. Lugar não onde. Perante a história onto-epistêmica do pensamento ocidental até a modernidade, este lugar esteve privado das relações não-contraditórias, não simbolizando nem a subjetividade do inteligível nem a objetividade do sensível. *Khôra* continuou despercebida, abandonada nas ruínas do pensamento maior. Portanto, concluímos que transver esta condição é o exercício deste texto, desformar o mundo decalcado pela forma, um objetivo no mapa em ruínas. Contudo, não se buscou tal empreendimento de maneira ressentida. O método textual não se dá por rupturas. Trata-se de

¹³ “*Mise en abyme* do discurso sobre *khôra* [informe], lugar da política, política dos lugares, tal seria, pois, a estrutura de uma sobreimpressão sem fundo [amorfa]” (DERRIDA, 1996, p. 35).

uma brincadeira em língua menor. De uma apresentação em grau de brinquedo. Mostrando os conjuntos estruturais da palavra informação, expõe-se aspectos: filológicos, literários, filosóficos, poéticos. Os aspectos da palavra são perspectivas, por ora pleiteiam sínteses, para logo, no momento seguinte, mostrarem-se disjuntivas: “o olho do gafanhoto é sem princípios” (BARROS, 2010, p. 329). Nestas operações de báscula que subvertem o termo, que desacostumam a palavra em uma lógica do equívoco, do ambíguo, como com excelência fizeram Rosa e Barros, pretendíamos fertilizar os abandonos informes do informar, reusá-los como crianças, fazer dos abandonos brinquedos de “desver o mundo”. Desta “desapropriada maneira”, aspiramos de modo menor uma abertura informe para os estudos informacionais.

No rastro textual des-construímos com materiais heterogêneos e conjuntos estruturais díspares, uma ruína para os abandonos da palavra informação. Abrigar na tapera do sertão a palavra informação é libertá-la, preenché-la de inânias. No nada sem forma, *iumforme* é brinquedo que atinge o olhar para toda a vida. Inventando mundos não acontecidos, as crianças brincam com o tempo (*aion*). O tempo é o reino da criança: “o tempo é uma criança, criando, jogando o jogo de pedrinhas” (HERÁCLITO, 1980, § 52, p. 83). Na ruína do informar, “tudo aquilo que é velho, é suscetível de virar brinquedo” (AGAMBEN, 2005, p. 85). Jogando pedrinhas no sentido e na forma, o tempo humano (*aion*) se instala no ponto de vista da palavra, dá um testemunho da sua humanidade (*kairós*): “palavra que eu uso me inclui nela” (BARROS, 2010, p. 311). Sob esta perspectiva, na ruína informe, amar e informar brincam de delírios verbais com o *iumforme*: “os delírios verbais me terapeutam” (BARROS, 2010, p. 339). Nesta citação que conclui o texto, consta o resumo do nosso propósito/objetivo.

Ruína. Um monge descabelado me disse no caminho: ‘Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos que a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo’. E o monge se calou descabelado (BARROS, 2010, p. 385-386).

Referências

AGAMBEN, G. **Estâncias**: a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

_____. **El fuego y el relato**. Madrid: Sextopiso, 2016.

_____. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. **A potência do pensamento**. Lisboa: Relógio D'água, 2013.

ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011.

ARISTÓTELES. **Da alma**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

_____. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, W. **Libro de los pasajes**. Madrid: Akal, 2005.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística general**. Madrid: Siglo veintiuno, 1997.

BITTENCOURT, P. V.; LOPES, P. C. **João Guimarães Rosa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CÂNDIDO, A. **Tese e antítese**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CAPURRO, R. On the genealogy of information. In: KORNWACHS, K. J. (Ed.) **Information**: new questions to a multidisciplinary concept. Berlin: Akademie Verlag, 1996. p. 259-270.

_____. Pasado, presente y futuro de la noción de información. In: ENCUENTRO INTERNACIONAL DE EXPERTOS EM TEORIAS DE LA INFORMACIÓN: UN ENFOQUE INTERDISCIPLINAR, 1, 2008, León. **Anais...** León: Proyecto: BITrum, 2008.

_____. What is Information Science for? a philosophical reflection In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 82-96.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CASSIN, B. **O efeito sofístico**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. **Jacques, o Sofista**: Lacan, logos e psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. Que quer dizer: dizer alguma coisa?. **Discurso**, v. 20, p. 19-39, 1993.

COUTINHO, E. Guimarães Rosa: um alquimista da palavra. In: ROSA, J. G. **Ficções completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2017. v. 1.

DELEUZE, G. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, E. **Deleuze filosofia virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. A imanência: uma vida... **Terceira margem**, n. 11, p. 160-164, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 2.

_____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Khôra**. Campinas: Papirus, 1996.

GONZAGA, L.; DANTAS, Z. ABC do sertão. In: GONZAGA, L. **Luiz Gonzaga 50 anos de chão 1941-1987**. São Paulo: Sony Music, 2002. 3 Discos sonoros.

GONZALEZ, Marcos. Informar versus enformar: uma competição morfossemântica com origem no português arcaico. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011 Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As Ciências Sociais e as questões da informação. **Morpheus**, n. 14, p. 18-37, 2012.

HEIDEGGER, M. Tempo e Ser. In: SARTRE, J. P.; HEIDEGGER, M. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 453-470.

HERÁCLITO. **Fragmentos**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1980.

LEÃO, E. C. **Filosofia grega**: uma introdução. Teresópolis: Daimon editora, 2010.

LOPES, M. Para uma história conceitual da discriminação da mulher. **Cadernos de Filosofia Alemã**, n. 15, p. 81-96, 2010.

PLATÃO. **Filebo, Timeo, Critias**. Madrid: Grecos, 1992.

RENDÓN ROJAS, M. Á. **Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecología**. México: UNAM, 2005.

ROSA, J. G. Diálogo com Guimarães Rosa, entrevista com Günter Lorenz. In: _____. **Ficções completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994. v. 1.

_____. **Grande sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SELIGMANN-SILVA, M. Walter Benjamin e os sistemas de escritura. In: _____. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005. p. 181-211.